



Discurso do Presidente da República, Luiz Inácio Lula da Silva, na cerimônia de inauguração do armazém graneleiro para 100 mil toneladas, da Conab

Uberlândia-MG, 08 de setembro de 2010

Eu quero, primeiro, cumprimentar o companheiro Wagner Rossi, ministro da Agricultura, Pecuária e Abastecimento,

Cumprimentar o nosso companheiro Marcio Fortes, ministro das Cidades, que veio comigo porque daqui nós vamos a Contagem,

Quero cumprimentar o companheiro Luiz Dulci, que, como bom mineiro que é, todas as viagens que eu faço para Minas Gerais, ele está junto comigo,

Quero cumprimentar o nosso companheiro Franklin Martins, que o Zé Alencar nomeou o embaixador dele aqui na região do Triângulo Mineiro,

Quero cumprimentar o nosso amigo Odelmo Leão, prefeito de Uberlândia, por meio de quem cumprimento todos os prefeitos aqui da região,

Quero cumprimentar o nosso companheiro Alexandre Aguiar, presidente da Conab, por meio de quem cumprimento os diretores, superintendentes e todos os funcionários da Conab,

E também cumprimentar os trabalhadores que ajudaram a construir esta obra,

E quero cumprimentar o nosso querido companheiro Pedro Arraes, que é o nosso diretor-presidente da Embrapa, essa Embrapa que é motivo de orgulho para todo brasileiro que conhece agricultura, para todo cientista; essa Embrapa que é responsável pela revolução na agricultura tropical do mundo, e que agora está levando essa revolução para a América Central, para outros países da América do Sul e, se Deus quiser, para o continente africano. Eu só espero que a Embrapa pesquise e consiga, um dia, fazer com que a jabuticaba não seja tão perecível como é, para a gente ter jabuticaba na geladeira para



comer o mês inteiro. Você sabe que eu tenho muita jabuticaba lá no Torto e tem muita jabuticaba lá no Palácio da Alvorada, mas só faltam dois meses e um pouquinho para eu sair de lá, e aí eu vou precisar que a jabuticaba dure um pouquinho mais, para a gente poder ter jabuticaba para chupar o ano inteiro.

Bem, algumas pessoas poderiam perguntar por que o Presidente da República sai do seu gabinete, em Brasília, e vem a Uberlândia inaugurar o armazém graneleiro. Poderia ficar apenas por conta do Ministro da Agricultura, poderia ficar alguém... por conta do Presidente da Conab. Por que, então, eu saio de Brasília e venho para cá? Uma razão é que política, ela é feita de discursos, ela é feita de obras públicas concretas, ela é feita de crescimento econômico de um país, mas, também, política é feita de exemplos.

Nós, embora aumentamos muito a capacidade de armazenamento do país – nós saímos de 90 milhões de toneladas para 135 milhões de toneladas, no meu governo, de capacidade de armazenamento –, mas, ainda assim, este aqui é o primeiro que eu vim inaugurar, é o primeiro que eu vim inaugurar, e eu não queria deixar o governo sem inaugurar um armazém que passa a ser um símbolo da recuperação da Conab e da valorização da soberania do Brasil.

Veja, ninguém precisa fazer um curso de pós-graduação na Universidade Federal de Minas Gerais para saber da importância do estoque regulador que um país tem que ter. Isso... Se a gente quisesse ser menos presunçoso, a gente aprenderia dentro da casa da gente. Nenhuma dona de casa sai de manhã para comprar apenas um sal que vai usar no almoço ou o sal que vai usar no feijão, na janta. Não. Ela sai e compra um quilo de sal, que vai durar um mês. Tudo o que é não perecível, uma dona de casa, sem nenhum curso de pós-graduação, mas com o instinto de soberania da sua família e de sobrevivência, ela compra sempre tudo o que não é perecível para durar mais de dez dias, mais de quinze dias ou mais de um mês. Quando a inflação estava alta, a gente comprava para durar 45 dias. Eu lembro, Wagner,



que eu ia no Makro... Naquele tempo não tinha a quantidade de cadeias de supermercado que tem hoje, mas eu ia no Makro, lá em São Bernardo, e comprava óleo para três meses. Como a inflação comia o meu dinheiro, eu enchia embaixo da minha pia de óleo, que era uma garantia para enfrentar a inflação.

Então, uma dona de casa, ela nos dá um exemplo de como é que uma nação tem que se comportar na questão alimentar. Um país, não basta produzir a quantidade de alimento que seu povo consome; é preciso que ele tenha uma reserva para garantir situações adversas, para garantir, por exemplo... Imagina uma guerra, em que houvesse um boicote de entrar qualquer produto no Brasil. Nós teríamos que ter um estoque regulador que atendesse a nossa população, eu não sei se por 15 dias, por 20 dias, por 30 dias, mas a gente não poderia estar sentindo falta no primeiro dia.

É por isso que é importante a existência da Conab e é por isso que é importante existir a questão do preço mínimo e é importante existir a regulação. Cabe ao Estado brasileiro tomar cuidado para poder... Por exemplo, recentemente, eu fui à África, tinha – naquela famosa crise do alimento, em 2008 –, tinha muitos países africanos querendo comprar arroz e tinha muito atravessador querendo vender o arroz. Na época, não era você o ministro da Agricultura, mas eu cheguei para o Reinhold Stephanes e disse para ele: olha, lamentavelmente, eu gostaria de ajudar o povo africano, mas, se eu ajudar, vai faltar arroz para o povo brasileiro. Então, nós precisamos garantir a sobrevivência do nosso povo em primeiro lugar, e depois, quando a gente tiver excedente, a gente exporta.

É por isso que foi importante a recuperação da Conab, e ela precisa ser mais forte, porque parece estupidez, mas um armazém como este foi começado, se pensou ele, em 1970. Nós estamos falando de praticamente 40 anos. Depois se investiu um pouquinho de dinheiro. Em [19]89 ele parou porque em [19]89 começou a doutrina de que o Estado não presta para nada,



nós temos que tirar o Estado de tudo e o mercado é igual a Deus, o mercado vai resolver o problema da Humanidade. E hoje está provado que o Estado tem um papel importante, mas que o setor privado tem um papel extremamente importante, e que os dois não são antagônicos; eles têm que combinarem entre si. Cada um tem uma tarefa, e o Estado tem que ser o indutor e o regulador. Ele não pode ficar de fora.

Na época que nós decidimos, Wagner, fazer armazéns, o Banco do Brasil não tinha crédito. É importante os brasileiros saberem que quando eu tomei posse na Presidência da República, em 2003, o Brasil inteiro – do Oiapoque ao Chuí e de Natal a Rio Branco, no Acre –, o Brasil inteiro, só tinha R\$ 380 bilhões de crédito. O Banco do Brasil tinha pouco dinheiro para crédito, a Caixa Econômica tinha R\$ 5 bilhões para financiamento de casa. Então nós decidimos, naquela época, já que o Estado não poderia fazer com o dinheiro dele os armazéns, que a gente, então, pudesse financiar os produtores agrícolas para fazerem os seus armazenamentos, e criamos uma linha especial. Daí surgiu essa quantidade de 46 milhões de toneladas a mais do que aquilo que nós encontramos; uma parte da Conab, mas, uma grande parte, da iniciativa privada.

Ora, é muito melhor para o Brasil ter um armazém grande, vazio, porque não tem alimento, do que a gente ter muito alimento e não ter um armazém para estocar o nosso alimento; é muito mais importante. Então, nós vamos continuar com essa política de armazenamento. Se nós produzimos 147 milhões de toneladas de grãos e temos uma capacidade de estocagem, entre público e privado, de 135 milhões, significa que nós estamos com o problema de estoque resolvido, até porque algumas coisas nós temos a produção de duas vezes, como o milho, por exemplo, com a safrinha que, às vezes, é tão boa ou melhor do que o milho normal, produzido. E como eu acho que o mundo pode avançar tecnologicamente, pode inventar o cientista que quiser, mas o mundo não pode prescindir de comida. E quando se fala em comida, se fala em



terra agricultável; quando se fala em terra agricultável, se fala em sol; quando se fala em terra agricultável, se fala em água; quando se fala em terra agricultável, se fala na qualidade da terra, na qualidade do homem e na quantidade de terra que nós temos para plantar. Quando se fala em alimento, se pensa nas intempéries, e este país não tem furacão, este país não tem vulcão, esse país não tem maremoto, este país não tem neve; este país, de vez em quando, tem uma geadinha, que é, também, para a gente ver um pouquinho... pelo menos uma pedrinha de gelo cair perto do pé de café da gente, ou do pé de soja. Mas este país é um país abençoado por Deus. Então, quando se fala em alimento, se vocês pegarem um gráfico da capacidade produtiva do mundo, envolvendo Estados Unidos, envolvendo a China, envolvendo a Rússia, envolvendo o Canadá, envolvendo países que têm território maior do que o nosso, vocês vão perceber que, em se tratando de terra agricultável, o Brasil é imbatível. Nós temos mais do que todos os países.

Então, isso é uma garantia de soberania nacional que muitos países não têm. É uma soberania nacional que nós ainda não tiramos proveito disso. E por que é que nós temos que estocar? Porque quando o Brasil começa a crescer, o Brasil começa a arrumar inimigos. Vocês conhecem. Aqui tem pai e tem mãe, ou seja, quando dois vizinhos têm duas crianças de oito anos, nove anos brincando, ninguém se importa porque são duas crianças. Mas, quando chegam com 14, 15, já começa... “Olha, esse menino e essa menina não podem ficar tão juntos, não sei das quantas”, sabe? Assim é o mundo comercial. O Brasil ficou grande, o Brasil ficou bonito, e o Brasil ficou importante.

Então, antigamente, era só exportador de café, era só exportador de café. O segundo país produtor de café é o Vietnã, que não faz concorrência conosco, não faz concorrência conosco. Ora, depois a gente passou a ser o maior produtor de laranja do mundo, maior exportador de suco; também não tem problema, porque nós compramos as plantações americanas e nós



produzimos lá e produzimos aqui. Só para vocês terem ideia, eu não sei o número atual, mas o Brasil tinha... só São Paulo tinha 340 milhões de pés de café, contra 90 milhões de pés de café que tinha a Flórida, nos Estados Unidos... Laranja, laranja.

Ora, aí, quando o Brasil começa a ser o maior exportador de café, o maior de carne, o maior disso, começa a ter problemas contra nós, começam a inventar problema na nossa soja, começam a inventar problema no nosso milho, começam a inventar problema no nosso etanol, começam a inventar muitos problemas. E aí nós precisamos ser cada vez mais sérios, cada vez mais competentes, investir cada vez mais, porque nós sabemos que nós poderemos dominar uma parte do Planeta com a capacidade tecnológica do Brasil e com a nossa capacidade produtiva. Nós temos consciência disso.

Por isso, eu quero agradecer ao companheiro da Conab. Dizer que nós precisamos continuar financiando fora e para dentro também financiando, porque vocês viram que quando veio a crise americana, agora, a famosa crise imobiliária americana, tanto a Europa quanto os Estados Unidos, que não tinham um banco como o Banco do Brasil, que não tinham um banco como o BNDES, ou que não tinham uma Caixa Econômica Federal, não tiveram a mesma rapidez de sair da crise que o Brasil teve, porque não tiveram competência de se livrar e criar novos financiamentos. E aqui no Brasil, só para vocês terem ideia, o Banco do Brasil hoje, sozinho, tem mais crédito que o Brasil tinha, todinho, em 2003. A Caixa Econômica, só de casas, neste ano, no ano passado, saiu de R\$ 5 bilhões, em 2003, para R\$ 47 bilhões, em 2009, e vai chegar a R\$ 60 bilhões neste ano, só de financiamento de casas. E o Brasil, que tinha R\$ 380 bilhões de crédito, neste ano chegou a R\$ 1,6 trilhão de crédito.

Tudo isso é pouco diante do que nós podemos ser. Nós podemos ser muito mais. É que houve um tempo que nós éramos dirigidos por pessoas que pareciam muito inteligentes, mas que tinham a sua inteligência colonizada: tudo



dependia dos Estados Unidos, tudo dependia da Europa, e acreditavam muito pouco em nós mesmos. E ontem, por acaso, Dulci, depois de participar do Dia da Independência, eu cheguei em casa ontem à noite e liguei a televisão – foram embora meus filhos –, liguei a televisão mais ou menos umas nove ou dez horas da noite e estava passando aquele filme “Independência ou morte”, com o Tarcísio Meira. Eu estava vendo os discursos, a opressão de Portugal sobre o Brasil, e eu estava pensando: a independência que nós conquistamos em 1822, ela, na verdade, ultrapassou o século XIX, porque a mentalidade das pessoas ficou colonizada. Ou seja, hoje, o Brasil respeita os Estados Unidos, hoje o Brasil respeita a Europa, mas, hoje, o Brasil é dono do seu nariz, anda de cabeça erguida e nós queremos competir em igualdade de condições. Acabamos de fazer uma briga com os Estados Unidos, na OMC, sobre a questão do algodão, e ganhamos. Acabamos de fazer uma briga, com eles, sobre o açúcar, e ganhamos. Porque, antigamente, a gente ia brigar com os Estados Unidos e diziam para a gente: “Não, vai brigar com os Estados Unidos? Eles são muito grandes. Eles são muito grandes. Vai brigar com a Europa? Eles são muito grandes”. Ora, meu filho, um elefante é daquele tamanho; a tromba do elefante vale uns dez ratos, mas coloque um ratinho perto do elefante para ver como o bicho tem medo e se borra.

Então, eu acho que o que nós fizemos foi apenas dizer para os americanos: Nós respeitamos vocês, queremos vocês como parceiro privilegiado nosso, mas nós queremos, também, ser respeitados. Dizemos para os europeus a mesma coisa. E quem é empresário, e você que é ministro, que viaja, sabe que o Brasil nunca, nunca teve condições de andar de cabeça erguida como anda hoje, e é admirado. Eu, uma vez, quando teve aquele atentado nos Estados Unidos, começaram a exigir que os ministros tirassem o sapato para ir aos Estados Unidos. Eu disse para os meus ministros: Quem tirar o sapato deixa de ser ministro. Ou seja: Quem tirar o sapato, deixa de ser ministro, sabe? Porque é para voltar na hora. A gente não exige que eles tirem



o sapato aqui? Por que nós temos que ficar tirando o sapato? Não é nem por causa do chulé, é pela falta de respeito com o cidadão brasileiro.

Parabéns, Uberlândia! Parabéns, Triângulo Mineiro. E olhem, eu queria fazer justiça aqui. É o seguinte: o Odelmo, quando eu vim aqui, da outra vez, lançar e inaugurar um trevo de Uberlândia, de Uberaba, anunciar investimento de quase R\$ 2,7 bilhões de infraestrutura na região, o Odelmo tinha me feito um apelo para que o Ministério da Saúde viesse aqui... fazer o quê? Credenciar, ver o hospital e credenciar. Na hora, eu peguei o telefone e liguei para o ministro Temporão, e ele falou: “Estou indo aí, Presidente”. Mas, por outras razões, não sei quais, hoje eu fiquei sabendo que ele não veio. Então, liguei outra vez para o Temporão e na terça-feira vem uma equipe do Ministério aqui, e eu quero que, quando a equipe chegar aqui, me ligar em Brasília, para a gente resolver definitivamente o credenciamento desse, que é um dos hospitais mais importantes do país.

Um abraço, e boa sorte ao povo do Triângulo Mineiro.

(\$211A)